

## BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCCÕES

N.º 8

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

## SUMMARIO D'ESTE NUMERO

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Architectura monumental (Continuação) — Edificios romanos — pelo sr. J. P. N. DA SILVA .....	Pag. 113
Architectura portugueza — pelo sr. C. H. BLACKALL.....	» 117
Numismatica — S.....	» 119

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 122
Explicação da Estampa n.º 81 — pelo sr. J. DA SILVA.....	» 124
Bibliographia artistica — REDACÇÃO. — O pintor e gravador a agua forte Dirk (Rodrigo) Stoop.....	» 126
Chrónica.....	» 127
Noticiario.....	» 128

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

## ARCHITECTURA MONUMENTAL

## Edificios romanos

(Continuado do n.º 6, pag. 84)

Roma, como se sabe, foi antigamente a séde do imperio do Universo, e é digna de toda a nossa admiração, tanto pelas suas recordações historicas, como pelos monumentos antigos que ella conservou: ninguem poderá fallar d'esta cidade por tantos titulos celebre, sem experimentar uma certa emoção que não se pôde reprimir, pois que grandes recordações estão ligadas ao aspecto d'esses logares que foram habitados por Camilio, Scipião, Catão, Pompêo, Cesar e muitos outros heroes, constringendo a nossa alma a commover-se com a lembrança das acções heroicas que praticaram e o assombro que sempre causam a quem se dedica ao estudo da historia antiga d'este povo.

Tal é, pois, a inconstancia e a fragilidade das cousas humanas: a natureza, como se fosse um abysmo immenso, absorve as gerações para reproduzir outras, destinadas a desaparecerem igualmente pela sua vez, deixando apoz ellas apenas alguns tenuous vestigios da sua fugitiva existencia!

Considerando quaes foram os nossos primeiros

estudos sobre Roma, n'elles se occupou o nosso entendimento, sendo Roma a primeira sociedade civilisada do mundo que nós conhecemos; uma nação, para o engrandecimento da qual trabalharam os historiographos, os oradores, os poetas e os artistas, como foram Tito Livio, Tacito, Sallustio, Cicero, Virgilio, Ovidio, Horacio, que nos encantaram pelo seu estylo natural e sublime; que nos electrizam pela força dos seus raciocinios, pela nobreza dos seus pensamentos; e estas diversas impressões que recebemos na nossa juventude, fallam com bastante auctoridade á nossa imaginação, para que esta Roma que elles illustram não nos possa ser indifferente, nem deixe de merecer a nossa attenção.

Esses monumentos que ha mais de 17 seculos faziam a admiração dos proprios Romanos, que haviam visto as pyramides do Egypto, subsistem ainda mais ou menos arruinados, não tanto pelos estragos do tempo, como pelo vandalismo dos homens. Qual seria o principio que inspirou o engenbo d'este povo poderoso, para se dedicar a tão extraordinarias emprezas? Foi devido a uma nação visinha, que tinha então o imperio das Bellas-Artes; como veiu a ter igualmente, muitos seculos depois, sob o dominio dos Medicis; foram os Etruscos, os pri-

mitivos habitantes da Toscana, que haviam produzido obras admiráveis no seu paiz e vieram executar outras similhantes em Roma. O aspecto dos seus monumentos era nobre e severo e convinha ao character dos fundadores da antiga Roma; posto que lhe associaram depois uma excessiva magnificencia que degenerou em pouco tempo em um luxo extraordinario, imitando na epoca mais florescente da sua architectura, os bellos exemplos que haviam admirado nos monumentos edificados na Grande Grecia.

A architectura Romana não é mais do que uma imitação da architectura Grega, a qual se propagou por toda a parte onde os gregos penetraram; por toda a parte onde o seu engenho mais conquistador que as suas armas, estendeu a sua influencia. Desde a mais remota antiguidade, se havia introduzido na Italia o germen da lingua, da religião, do culto, dos usos, das artes e das opiniões da Grecia. Fosse qual fosse a origem de Roma, fosse qual fosse o seculo que os historiadores dão á sua fundação, elles não nos informam sobre os primeiros passos de uma nascente civilisação, pelo contrario nos demonstram ser já um povo que possuia os conhecimentos das artes adquiridos das colonias estrangeiras estabelecidas na Italia, as quaes tinham vindo todas da Grecia. Roma, desde a sua origem, teve pois a mesma arte monumental dos gregos. Sem duvida que os modelos de esculptura e de pintura que haviam admirado nas suas cidades, lhe fez vêr a necessidade de se familiarisar com elles, tanto pelo sentimento das proporções, como pela elegancia das fórmulas e belleza dos ornatos. Ora, foi isto que veio produzir a conquista da Grecia, fazendo refluir para Roma, não só as obras produzidas pela Arte Grega, como tambem a propria residencia de habéis artistas d'aquelle paiz; sendo evidente que tudo quanto a Grecia perdia pelo empobrecimento das suas artes, Roma aproveitava, enriquecendo-se por todas as maneiras, apoderando-se de suas obras primas, e convidando os mais distinctos artistas para levantarem os seus monumentos; pois é sabido que os artistas concorrem sempre aonde a opulencia os chama, e esta faz florecer as artes liberaes.

Desde então se distinguio a arte de edificar no paiz dos romanos, havendo elles delineado os monumentos sobre muito maiores dimensões, cousa que nunca podia ter sido feita pelos gregos, nos estados em que a Grecia se achava dividida; portanto a architectura, na antiga Roma, sendo protegida pela riqueza publica e particular, achou o mais vasto campo para as suas grandiosas concepções de construcções as mais variadas, e uma applicação a mais illimitada de seus avultadissimos recursos.

Não obstante os romanos terem tido o espirito

pouco inventivo, souberam perfeitamente apropriar as idéas e as descobertas feitas pelos outros povos. A sua architectura tirou-lhe o principal character pelo emprego das abobadas e das arcadas, modo de construcção applicada em quasi todas as suas obras monumentaes.

A introdução da arcada na architectura modificou completamente o estylo grego. Desde então a maneira de ornar as diversas Ordens gregas foi alterada. Eis a razão principal por que a arte monumental do povo latino apresenta um character inteiramente original.

Os reis, augmentando e fortificando Roma, edificaram tambem templos, palacios e tumulos. Empregaram para a execução d'estes trabalhos architectos gregos. Foi assim que Romulus pôde levantar diversos monumentos a Jupiter, a Vesta, á Lua, ao Sol e a Marte. Numa Pompilius dedicou igualmente muitos santuarios em honra da Fé e da Fidelidade, de Romulus e de Janus. No tempo de Tullus Hostilius se erigiu, perto do Forum, uma columna prismatica á qual se suspenderam os despojos dos tres Curiacios que haviam em combate singular sido vencidos pelos Horacios. Ancus Martius fendeu o porto de Ostia, lançou uma ponte de madeira sobre o Tibre, e fez construir no centro da cidade uma prisão que existe ainda, e é conhecida pelo nome de *prisão Mamertina*. Estes importantes trabalhos foram executados sob os Tarquinius; traçou-se o grande Circo entre o Aventino e o Palatino, e o rodearam de bancos de pedra para os espectadores. O Forum foi circumdado de porticos, e o pantano que existia entre o monte Palatino e o Capitolio foi enchuto por meio de um canal subterraneo, chamado — *A grande cloaca*, que ainda hoje se vê, posto que esteja mais de metade enterrada, sendo uma das tres mais consideraveis construcções emprehendas pelos romanos; e foi n'esta obra que fizeram a primeira abobada com as pedras cortadas em forma de cunha. Tarquinio, o Soberbo, ornou de porticos o grande circo, e principiou o celebre templo de Jupiter Capitolino, de tão admiravel architectura. Para se fazerem trabalhos d'esta ordem era preciso que o povo romano já possuísse grandes conhecimentos e estivesse bastante adiantado na pratica das artes desde o principio do seu estado social.

Este povo fez ainda muito maiores progressos na arte de edificar, depois da conquista da Grande Grecia, onde se acharam immensas riquezas e magnificos edificios. Durante a guerra punica, na Sicilia, offereceu-se tambem á sua admiração uma abundancia de construcções pertencentes á mais brilhante época da architectura hellenica. As artes receberam então um grande impulso. Ricos com os despojos obtidos dos povos vencidos, os romanos dedicaram-se a aformosear a sua cidade com monu-

mentos novos. Citaremos o templo da Honra e da Virtude, levantado por Marcellus, trabalhos que foram dirigidos por Caius Mutius, o mais antigo architecto romano que a historia menciona. Porcius Caton assentou os alicerces de uma basilica, perto do Forum. Um facto notavel foi que Antiochus, tendo resolvido concluir o grande templo de Jupiter Olympico em Athenas, encarregou da direcção das obras um architecto romano, de nome Cassurius. Este templo foi disposto com tanta arte e ornado com tanto gosto e magnificencia, que o reputavam ser um dos quatro mais admiraveis santuarios da Grecia.

Depois da segunda guerra de Macedonia e da tomada de Corinthio, Roma enriqueceu-se ainda mais de um sem numero de obras d'arte hellenica. Os edificios construidos n'esta epoca assemelham-se muito mais aos monumentos gregos do que aos outros mais antigos.

O primeiro templo de marmore que appareceu em Roma foi edificado por determinação de Quintus Metellus, sendo encarregado das obras os architectos lacedemonios Saurus e Batracus. Quasi no mesmo tempo foram construidos os sumptuosos porticos de Scipião Nasica sobre o Capitolio, e de Curcius Octavius perto do Circo.

Os capiteis do portico de Octavius foram feitos de bronze de Corinthio. Desde então, em lugar de continuarem com materiaes que fornecia o solo romano, empregaram nos edificios publicos marmores preciosos dos paizes estrangeiros; isto deu lugar a ornarem-se os monumentos com mais gosto e riqueza. Principiaram a lagear os templos com marmores de varias côres, dando origem aos mosaicos. O orador Lucius Crassus foi o primeiro que empregou o marmore na construcção dos edificios particulares.

A epoca das guerras civis não deixou recordações interessantes para a historia da arte. Todavia Sylla fez edificar o templo de Jupiter Capitolino sob o antigo plano adoptado pelos Tarquinius. Este santuario foi concluido por Catulo, que ali fez inscrever o seu nome, posto que Cesar quizesse que n'elle se gravasse o de Pompeu. Os romanos abastados principiaram a empregar nas suas habitações um luxo extraordinario, que Lucullus levou ao ultimo grau de magnificencia.

Desde esta epoca começaram as construcções monumentaes a serem executadas igualmente com um aspecto mais magestoso, como apparece no monumento funereo de Cecilia Metella sobre o rio Appiano, e o de Plausius, proximo de Tivoli; assim como a sepultura de Pompeu, conhecida pelo nome dos Horacios e Curiaçios.

O edificio mais bem conservado, pertencente a esta epoca, é o templo circular de Vesta de Tivoli, da era 682, antes de Jesus Christo; o qual é da Ordem corinthia, e assemelha-se pela sua decoraçã

aos monumentos feitos pelos gregos, do mesmo genero, e nos indica claramente o estado a que tinha chegado a architectura romana pelos fins da republica. Ainda que os monumentos romanos não possam ser comparados aos dos gregos pelo bom gosto e perfeição do trabalho, todavia são superiores a estes pelas suas vastas dimensões e pela riqueza dos seus ornamentos.

Foi no principio da era imperial, que a architectura romana tomou o character original que a distingue. Quando Augusto esteve de posse do governo, e que a paz se consolidou na Italia, a capital do novo imperio se aformoseou com magnificas construcções. Os romanos tiveram então artistas distinctos. A Ordem corinthia, que pela sua riqueza era a mais importante, convinha perfeitamente ao esplendor romano, e veiu a ser a Ordem preferida. A contar d'esta epoca, os romanos fizeram edificar em todas as partes do imperio, Europa, Asia e Africa, estradas publicas, aqueductos, thermas, templos e arcos de triumpho, que fazem ainda a admiração da presente epoca.

O reinado de Augusto pôde ser considerado a epoca mais brilhante da arte monumental romana. Todas as artes receberam um impulso consideravel. Roma transformou-se a tal ponto, que Augusto dizia: *que a tinha achado construida de tijolo, e que a deixava edificada de marmore*. Durante este periodo, as fôrmas de muitos monumentos ficaram inteiramente determinadas. Foi assim que Statilius Paurus fez concluir no Campo de Marte o primeiro amphitheatro com pedra, do qual a historia faz menção.

Os romanos não se limitavam unicamente a levantar monumentos, fundaram tambem muitas cidades. Na Asia, nós achamos Cesarea, que estava ornada de sumptuosos edificios de marmore. Viam-se alli bellos templos, um theatro e um amphitheatro.

Entre os outros monumentos d'esta epoca, conservados na totalidade ou em parte, devemos citar quatro columnas doricas de Athenas, que pertenceram a um portico dedicado a Augusto e a Minerva; o templo de Pola na Styria, que foi consagrado a Roma e a Augusto, e o pantheon de Pompêa, que se julga ser do mesmo tempo dos edificios precedentes; o theatro de Marcellus, principiado por Cesar e acabado no reinado de Augusto, e algumas columnas do templo edificado por Agrippa no centro dos porticos de Neptuno; sobre o capitolio tres columnas corinthias, as quaes faziam parte do templo de Jupiter trovejante; a pyramide de Caius Cútius; e finalmente os restos do tumulo de Augusto, no Campo de Marte. Em Roma, não achamos o pantheon de Agrippa, do qual fallaremos depois.

Não obstante os prodigiosos trabalhos, executados durante o reinado de Augusto, a sua epoca

talvez possa ser considerada como o principio da decadencia da arte.

A pratica da architectura ficou, no reinado de Tiberio, quasi no mesmo estado em que estava sob o reinado precedente. Este imperador empenhou-se principalmente em concluir as construcções principiadas pelo seu predecessor, e restaurar os monumentos que ameaçavam ruina. Não teve a vã gloria de inscrever sobre estas obras o seu proprio nome, mas teve a sensatez e soube dar a merecida consideração aos fundadores d'ellas, fazendo gravar os seus respectivos nomes.

Tiberio dedicou um templo a Augusto, e ajudou varias cidades a glorificar d'esta maneira a memoria de seu pae adoptivo. Sejano fez edificar, proximo da porta Nomentana, um quartel para as guardas pretorianas, imitando os acampamentos militares, de fórma quadrada, tendo uma porta em cada lado.

Um dos primeiros actos do governo de Caligula foi promulgar um edito, que obrigava as cidades e os cidadãos a levantarem-lhe templos e a tributarem-lhe as honras divinas! Para si mesmo fez construir dois templos sobre o monte Palatino! Tanto pôde o egoismo, sendo dominado pelo orgulho e favorecido pelo despotismo.

A maior empreza, cuja lembrança se liga ao reinado do imperador Claudio, é a famosa construcção do porto de Ostia, proximo da foz do Tibre. É uma das mais consideraveis obras que foram executadas pelos romanos; tambem mandou concluir os aqueductos e formar canaes subterraneos. O nome de Claudio faz lembrar sempre trabalhos de grande utilidade publica.

Os monumentos edificados nos ultimos annos da republica até Nero, dão logar a varias observações. Ainda que os romanos tivessem adoptado as praticas da arte hellenica, todavia imprimiram ás suas construcções um caracter particular, applicando indistinctamente a todos os edificios a Ordem corinthia, que systematisaram dando-lhe proporções e ornamentos convenientes. Os gregos não tinham empregado o corinthio de uma maneira uniforme e seguindo regras fixas. Durante o periodo de que nos occupamos, pozeram em obra excellentes materiaes, marmores, alabastros que tiravam das pedreiras do Egypto. Os romanos, como já dissemos, foram superiores aos gregos, principalmente nas construcções das abobadas e arcadas. Foi então que principiaram a applicar-as nos seus theatros, amphitheatros e aqueductos.

A começar no reino de Nero, os monumentos de architectura sobrecarregaram-se de ornamentos e tomaram proporções gigantescas. Nero no principio parecia pouco disposto a proteger as artes. Procederia talvez sob o impulso dos conselhos de Seneca,

que reputava a pintura e a esculptura como indignas de ser consideradas entre os estudos liberaes, e as olhava como agentes de corrupção. Todavia este imperador mudou depressa de opinião; é verdade, que cuidou menos de fazer executar obras uteis para o publico, do que de construir palacios e villas magnificas para satisfazer a sua vaidade.

Entre as construcções publicas, ás quaes este imperador deixou o seu nome, deve mencionar-se a conclusão dos aqueductos principiados por Claudio; fez edificar um gymnasio com thermas magnificas. Estes edificios eram todos de marmore.

Não se ignora o terrivel incendio que devastou, n'este reinado, as duas terças partes de Roma, destruindo um grande numero de monumentos, dos quaes muitos eram notaveis pela sua remota antiguidade, aniquilando um consideravel numero de objectos de arte do mais subido interesse, tirados da Grecia e das provincias da Asia-Menor. Nero applicou-se a reparar estes desastres. A pedra foi substituida pela madeira n'essas construcções; ao mesmo tempo, o imperador mandou edificar um palacio rodeado de um triplice renque de porticos de 330 metros de desenvolvimento; além d'isso, Nero empregou na decoração interna do seu novo palacio um luxo fabuloso, um fausto extravagante, que nenhum outro lhe egualou depois.

Se os imperadores Galba e Vitellius não deixaram construcção alguma importante, não aconteceu o mesmo no reinado de Vespasiano, que fez reparar os monumentos publicos, restaurar o Capitolio e reedificar pela terceira vez o templo de Jupiter. O Senado e o povo votaram um arco de triumpho em honra de Vespasiano e de seu filho Titus pelas celebres victorias que este ultimo tinha alcançado sobre os judeus. Uma outra obra importante, devida á munificencia de Vespasiano, foi o templo da Paz, que elle ornou com o producto dos despojos da Judéa. Este sanctuario estava rodeado de um recinto de porticos, que se podia comparar ao Forum pela sua extensão. Além de outras construcções, fez o colossal amphitheatro de Flavio, um dos monumentos mais gigantes da antiguidade, conhecido pelo nome de Coliseo. Quando este imperador falleceu, Roma tinha attingido o maior gráo de esplendor e magnificencia.

Dois terriveis acontecimentos assignalaram os primeiros annos do reinado de Titus: um foi a erupção do Vesuvio, em que a lava cobriu completamente as cidades de Herculanium e de Pompêa; o outro foi um incendio, que consumiu grande numero de edificios publicos de Roma, taes como os templos de Isis, de Serapis e de Jupiter Capitolino; os porticos de Neptuno e de Octavio; as thermas de Agrippa; o pantheon e o theatro Balbus. Titus quiz reparar estes desastres á sua custa; porém, morreu

sem ter visto concluidos todos os monumentos, dos quaes havia principiado a reedificação. Todavia, foi este principe que completou e inaugurou, por jogos esplendidos, o famoso amphitheatro de Flavio, edificando igualmente sobre o Esquilino thermas de muita fama pela sua extensão e riqueza da decoração: compunham-se de salas de banhos, e estavam divididas como os gymnasios e as palestras gregas, sendo construídas sobre as ruínas do palacio denominado de Nero, do qual ainda hoje se admiram os seus soberbos vestígios.

A primeira empreza monumental de Domiciano, na sua subida ao throno, foi uma nova reconstrução do templo de Jupiter Capitolino, que surgiu das suas ruínas muito maior e mais rica que nunca. Fez profundar uma naumachia perto do Tibre, reparou o grande circo, dispoz um stadio para as corridas e mandou construir um odeon para a musica. Aformoseou o seu palacio com porticos, banhos, basilicas e aposentos magníficos; finalmente, empregou um luxo verdadeiramente real na sua casa do campo de Albano, onde fazia celebrar a festa das Panathéneas como se usava em Athenas.

Nerva dedicou-se principalmente a concluir as obras de utilidade publica, emprehendidas pelo seu predecessor. Foi assim que completou e deu o seu nome ao Forum, chamado antes Palladium. D'este forum subsistem duas columnas d'Ordem corinthia, que são de bellas proporções.

Arartes, durante o reinado de Trajano, brilhará de um maximo esplendor. Este imperador preoccupou-se sobretudo dos interesses publicos, tomando muito a peito a conservação das estradas, os aqueductos, as pontes e outros edificios civis. Os habitantes de Ancona, para perpetuar a lembrança dos extraordinarios trabalhos e do porto que elle mandou construir n'esta cidade, levantaram-lhe um arco triumphal, cuja obra foi dirigida pelo architecto Apollodoro de Damascénes, que tambem edificou em Roma o Forum, o qual formava uma grande praça quadrangular, rodeada de porticos, e na mesma havia a basilica Ulpienna, uma bibliotheca grega e latina, e a celebre columna chamada Trajana, modelo que tem servido em todos os tempos para um monumento heroico.

Emquanto ás thermas de Trajano, foram reunidas ás de Titus, nas quaes Raphael descobriu os bellos arabescos, que depois imitou com tanta mestria no Vaticano. Estes dois estabelecimentos de banhos offerecem, nas suas grandiosas ruínas, um conjuncto incomparavel de magestosa apparencia e de monumental composição.

Por ordem d'este mesmo imperador, foram construídas por Licinius outras thermas para o publico.

Trajano fundou varias cidades: a Mysia deu-lhe o nome de sua irmã; a Totinopolis o de sua mu-

lher; e o nome que lhe pertencia á Chersonesia; sendo estas as mais consideraveis construcções executadas na Asia-Menor. Trajano mandava encarregar os architectos gregos de dirigirem essas edificações, sendo mais um facto a registrar para a historia da arte romana. Durante o reinado d'este imperador, a arte monumental romana produziu as suas mais bellas obras, que foram legadas para nossa admiração depois do reinado de Augusto. Sem duvida, o estylo d'estes monumentos não é o mais puro, os seus ornatos peccam pela minucia como são feitos, todavia offerecem o aspecto geral de um effeito de assombro agradavel.

(Continúa).

J. P. N. DA SILVA.

### ARCHITECTURA PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 6, pag. 92)

As ordens monasticas foram extinctas em Portugal no anno de 1830, e o mosteiro de Belem foi então convertido em asylo de orphãos com a designação de *Casa Pia*, sendo um modelo de boa administração no seu genero, em que ha disposições especialmente completas e salutaes, que raras vezes se encontram realisadas nos paizes do sul.

As paredes do antigo refeitório acham-se ainda revestidas de bellos azulejos, que constituiriam um thesouro em qualquer museu. São na maior parte azues, semelhantes á louça de Delfe, e representam assumptos da biblia.

Ha tambem algumas outras construcções, n'este antigo mosteiro, de bastante interesse.

Uma extensa fachada junto á igreja do lado occidental foi ultimamente construída, mas tão mal edificada, que pouco tempo depois a torre central desmoronou pela base.

Porém, não se encerra sómente n'isto a riqueza architectonica que se encontra no bairro de Belem; ha proximo, na distancia de tres quartos de milha para o occidente da igreja, sobre uma ponta de areia, que se estende pelo Tejo dentro, uma obra de architectura militar gothica, que é o mais puro especimen d'este estylo no paiz e quasi semelhante á decoração da igreja do convento, que difficilmente se póde attribuir a origem estrangeira. Está construída mesmo á beira do Tejo, e faz parte das defezas militares de Lisboa, apesar de não ser essa actualmente a sua applicação; pois que, não obstante possua fortes baterias e profundas canhoneiras, apenas seria uma protecção insignificante contra a artilheria moderna.

Do lado da terra apresenta uma torre quadrada com trinta metros de altura, flanqueada da direita por uma pesada porta levadiça e chapeada, e á

esquerda por baixas fortificações. Pela rectaguarda estende-se um vasto terraço, defendido nos angulos por umas pequenas torres similhando-se a guaritas. Tanto a torre como os parapeitos adjacentes são guarnecidos de profundas canhoneiras.

É construida com egual cantaria empregada na construcção do mosteiro, mas a acção do ar do mar tem produzido uma côr vermelha mais pronunciada e certos veios mais profundos, de madeira que constitue um quadro maravilhoso, vista tanto de longe pelo rio abaixo, como atravez da longa praia de areia.

Os portuguezes consideram-n'a como um dos melhores monumentos architectonicos do paiz. O unico desconto a fazer a tal asserção é ser de um caracter menos distinctamente nacional do que a igreja.

É para notar a pouca influencia que a Hespanha parece ter exercido sobre os esforços architectonicos de Portugal, pois que não obstante o terem estado estes dois paizes debaixo do mesmo governo durante um certo tempo e estarem separados por pequenas barreiras naturaes, comtudo são inteiramente distinctas as construcções em todos os respeitos, exceptuando o elemento mourisco, posto que pouca influencia exerceu. Portugal parece ter despresado os seus visinhos, imitando as idéas de paizes com que se deveria suppôr ter tido menos affinidade.

A differença entre Hespanha e Portugal com respeito ás suas habitações particulares é muito sensivel. Em todo o paiz empregam sobretudo a cal e o estuque. Em geral o hespanhol, especialmente na Andaluzia, parece ter a mania de fazer parecer tudo novo e limpo ainda que tenha de encobrir os edificios de boa architectura.

Os portuguezes, que são tão cuidadosos em suas intenções, conseguem uma apparencia aciada e solida nas suas casas, por um modo muito differente, cobrindo-as especialmente com azulejos, costume que se não encontra em mais parte alguma do mundo.

Os mouros bem como outros povos empregavam os ladrilhos frequentemente nos sobrados e terraços, mas em Lisboa quasi todas as paredes exteriores das casas são cobertas com tijolos vidrados (ladrilhos). Muitas vezes quasi se não encontra architectura, servindo-se de tijolo nas hobreiras das portas e das janellas, tendo um elevado friso de azulejo em roda-pé, em torno do sobrado; mas o modo mais usualmente seguido, consiste em construir as paredes de maneira ordinaria, irregular, com cal e areia, construindo os angulos da edificação e todas as hobreiras de cantaria cortada, e occasionalmente estendendo uma ou duas bellas atravez fiadas da frente. As fachas de pedra, tanto horisontaes como

verticaes, são estreitas e excedem a superficie das paredes em que assentam, cousa de uma pollegada.

Quando o edificio está inteiramente completo, e tem já tido bastante tempo para assentar, toda a frente é então coberta com azulejos assentes em estuque ou cimento. Este trabalho ha de sempre existir e tem tão boa apparencia no fim de tres seculos como na occasião em que se acabou de fazer sendo incomparavelmente superior ao estuque.

O escriptor esteve em Lisboa examinando durante alguns dias este trabalho, e não encontrou um unico azulejo solto ou com os cantos gastos.

Os azulejos são todos manufacturados em Lisboa. Geralmente teem uma pintura qualquer.

Nunca se empregam completamente brancos, no entanto alguns ha d'uma só côr; ha d'isso um notavel exemplo em uma casa nas proximidades de Belem cuja frente é toda coberta de azulejos côr de enxofre que produz um bello effeito.

O azul é comtudo a côr mais empregada — a côr azul sobre fundo branco é uma bonita e exacta imitação d'aquellas dadas com uma boa aguada de azul francez.

As figuras côr de limão são algumas vezes empregadas com o azul, e tambem ás vezes se introduzem sombras de claro escuro, todavia o azul é sempre a côr predominante e é a unica empregada para representar qualquer assumpto com uma só côr. Ha uma grande variedade de modelos. Em geral constam de desenhos geometricos ou de desenhos representando folhagem, mas algumas das melhores casas ainda conservam as suas frentes cobertas de azulejos cujas pinturas caprichosas representam fórmas architectonicas e figuras humanas cujo fundo é o mesmo de toda a fachada. Taes exemplos comtudo são excessivamente raros. Os ladrilhos não vidrados nunca se empregam. Finalmente não é difficil vêr d'onde proveiu este uso, se attendermos ás analogias exteriores. É fóra de duvida que os mouros deixaram em Portugal, bem como na Hespanha, conhecimentos sobre a industria ceramica, e ensaios sobre o fabrico do azulejo.

Os portuguezes, depois do seu curto poderio sobre os mares, foram substituidos na supremacia maritima pelos hollandezes, e foi d'este ultimo povo que lhes proveiu a imitação; todavia ainda n'isto os portuguezes mostraram a sua individualidade, pois, comquanto as cores e muitos dos padrões sejam inteiramente iguaes aos que se encontram nos antigos azulejos hollandezes, os fabricados em Lisboa são de um estylo particular, sendo mais apropriados para os seus effeitos geraes do que os de Delft. Mas é preciso notar, que os portuguezes em nada aperfeçoaram o seu aspecto exterior por qualquer lado que se encare o assumpto. O pensa-

mento é excellente e bem desenvolvido, pois nada mais brilhante e interessante do que vêr uma extensa rua toda revestida de lindas cores, que hoje tão facilmente produz a industria ceramica. É certamente o mais perfeito processo de decoração exterior que até hoje se tem conseguido. Em Lisboa parecem só ter em vista com este processo o aceio exterior das casas por isso que os azulejos são agradaveis á vista e de facil applicação; todavia os seus desenhos não são muito visiveis de longe, não produzindo o effeito que era de esperar.

Não deixa d'aqui ter cabimento um detalhe pratico da architectura de Lisboa. A cidade é tão limitada pelos outeiros, que ultimamente alguma das mais baixas porções da margem do rio tem sido aterradas e ahí se tem edificado varias construcções sobre escadarias. A disposição das estacas é semelhante á usada em Amsterdam; ficam collocadas em fileiras de tres ou mais segundo a espessura da parede, e ligadas por fortes travessas de madeira, e as fileiras estão ligadas por cintas de madeira de Flandres, uma para cada fila de estaca. Os espaços entre as estacas é de um ou dois pés abaixo dos topos, são cheios de cascalho até ao nivel das travessas longitudinaes, formando uma solida plataforma onde assentam os alicerces em geral de alvenaria.

C. H. BLACKALL.

NUMISMATICA

Fez-se em França, no departamento do Gers, um descobrimento de medalhas romanas, que, pelo grande numero e pertencerem a diversos consules, se deve suppôr fossem enterradas na era vulgar de 305 durante o tempo que Constance não era ainda Cesar. Têm as effigies dos imperadores:

Galliano .....	12
Posthumus .....	1
Claudio II .....	11
Aureliano .....	254
Quintillius .....	1
Tacito .....	75
Floriano .....	18
Probus .....	475
Corus .....	36
Numeriano .....	56
Carinus .....	62
Diocleciano .....	189
Maximiano .....	232
Constance .....	11
e das imperatrizes:	
Severina .....	10
Magna Urbica .....	3
Salonina .....	1
Total .....	1:447

São poucas de Galliano e de Claudio, uma unica de Posthumus, posto que este tyranno tivesse governado a Gallia com o titulo de imperador mais de dez annos. Deve-se suppôr que estas medalhas que alcançam, alem de Constance, para mais de quarenta annos, tivessem quasi todas desaparecido da circulação. Ha tambem poucas de Constance, o que indica talvez que fossem escondidas no principio do seu governo sendo Cesar. Em quanto ás medalhas cunhadas com a effigie dos outros imperadores, o numero está na proporção da importancia e duração do seu reinado. Ha uma só de Quintilius e algumas de Floriano, porque estes dois imperadores, por assim dizer, não reinaram, suicidaram-se, ou foram assassinados poucos dias depois de serem acclamados imperantes. As medalhas de Probus são em maior numero.

Todas estas medalhas, excepto as de Posthumus e de Galliano, que parecem ser um amalgaã de cobre e prata, em que este metal entra com uma minima porção, são de bronze, prateadas, isto é, cobertas com uma delgada capa d'estanho. Sómente algumas, mas em pequena quantidade, são de bronze.

Esta composição prova a sua authenticidade e marca a época em que foram cunhadas; sem duvida, a prata sem liga, empregada nas moedas do tempo da republica e sob os imperadores até Septimo-Severo, começou a ter alteração no governo d'este imperador, e esta alteração augmenta cada vez mais até Claudio o Gothico: desde esta época até Diocleciano, não houve mais do que bronze.

Todas estas moedas tem quasi a mesma grossura e o mesmo diametro, com a differença, que as mais largas são mais delgadas, o que resulta ser o pezo de todas quasi o mesmo; são do modelo do pequeno bronze, entre o n.º 6 e o n.º 8 dos circulos adoptados pelos numismaticos para a medida do diametro das medalhas.

As effigies dos imperadores variam, sem duvida, de um imperador para outro, podendo ser, não obstante, indicadas pelos typos seguintes:

1.º — Typos sem vestidura comprehendendo sómente a cabeça e o collo;

2.º — Effigies com traje consular ou imperial;

3.º — Effigies com a face sempre voltada do lado esquerdo, com manto imperial, o sceptro ou o globo do mundo na mão direita;

4.º — Effigies representando Augusto em traje de guerreiro, mais vezes com elmo, e voltadas para o lado esquerdo;

5.º — Finalmente effigies voltadas para o lado direito com traje militar.

A primeira cathegoria comprehende alguns Tacitos, e as tres peças de construcção, duas com o

nome de Claudio, e uma com o nome de Carus. Pertencem a este typo tres peças de Maximiano representando Hercules, ornado da pelle do leão de Neméa.

A segunda cathogoria subdivide-se em dois typos bem differentes conforme a toga afivelada sobre o hombro ao meio do peito.

As effigies de terceira cathogoria trazem o manto imperial, tendo na mão direita ou o sceptro ou o globo do mundo; algumas vezes a mão está aberta e na posição da dos bispos quando deitam a benção. O ornato do manto é muito rico e extremamente variado, havendo apenas dois semelhantes. Esta cathogoria comprehende sómente Probus, Diocleciano e Maximiano.

A quarta cathogoria está constituida, como já se disse, pelos imperadores armados de lança e escudo, as mais das vezes com elmo. Estão representados quer em posição de descanso, com a azagaia sobre as costas, o escudo no braço esquerdo; quer na acção de combate, a lança levantada, o escudo em acção d'evitar o golpe; alguns Maximianos com capacete tendo a face voltada para a direita.

Na quinta cathogoria, os imperadores teem uma tunica justa que certamente é um trajo militar, porém não trazem armas. Esta cathogoria subdivide-se em quatro typos differentes indicados pela forma do ornato do hombro esquerdo. O primeiro typo parece-se um pouco com um laço dos cordões do uniforme militar. O segundo está simplesmente indicado por dois pequenos traços no limite do adorno. O terceiro apresenta um ornato oval, algumas vezes triangular ou estrellado, e pontuado no meio. Finalmente, vê-se na quarta cathogoria de fóra dos dois traços do segundo typo, uma série de pontos bastante grossos dispostos symetricamente em triangulos isosceles agudos, a ponta levantada do hombro esquerdo.

Os quatro typos apresentam ainda um grande numero de variedades, conforme os bordos da tunica, á roda do collo, são simples ou ondulados, com ou sem guarnições, etc. Nos Probus, os typos um e tres apresentam uma variedade que se repete muito frequentemente, a qual consiste em uma dupla curva por cima dos seios.

Além d'isto, as effigies, apresentam nos reversos módificações, que parece quasi que cada medalha teria um cunho especial. É esta a impressão que produz sempre o exame das moedas romanas. Todavia, não acontece assim. Não é raro achar bastantes eguaes, para admittir que sejam do mesmo cunho; nem se pôde mesmo certificar, sobre alguns, que o cunho que serviu para os cunhar, principiasse a estar gasto.

Os letreiros das effigies são igualmente muito va-

riados. Completos algumas vezes, isto é, com todos os pronomes em abreviação, o nome precedido do titulo *Imperator* em abreviatura, seguido das letras P F (*pius felix*), não trazem, outras vezes, mais do que o nome precedido ou não do titulo de *Imperator* e seguido, conforme o caso, do titulo Augusto ou *Nobilis Cæsar*. Alguns de Carinus e Numeriano teem só, com os Constances, esta ultima designação. Em duas medalhas de Probus se faz menção do segundo e terceiro consulados d'este imperador.

Ha tres medalhas de consagração: duas de Claudio o Gothico (*Divo Claudio Pio*) com um altar no reverso; uma de Carus (*Divo Caro Pio*): o reverso está ornado de emblemas sacros; finalmente, uma quarta medalha, tendo os bustos radiados, para a direita, de Carus e de Carinus unidos. Esta medalha traz o letreiro: CARVS ET CARINVS AVGG. Ao n. a victoria marchando para a esquerda, tendo uma palma na mão esquerda, e na mão direita uma corôa. No letreiro: VICTORIA AVGG. No campo a letra A.

Os reversos, com os letreiros que os explicam, são de tres modos differentes.

Os primeiros applicam-se ao imperador, representado sobre a face da medalha. Eis aqui a enumeração:

<i>Virtus augusti.</i>	<i>Comes augusti.</i>
<i>Providentia augusti.</i>	<i>Spes augusti.</i>
<i>Æternitas augusti.</i>	<i>Virtus Probi augusti.</i>
<i>Felicitas augusti.</i>	<i>Comiti Probi aug.</i>
<i>Annona augusti.</i>	<i>Adventus aug.</i>
<i>Conservatio augusti.</i>	<i>Adventus Probr.</i>
<i>Perpetuitas augusti.</i>	<i>Abundantia aug.</i>
<i>Virtuti augusta.</i>	<i>Pax augusti.</i>
<i>Æquitas augusti.</i>	<i>Pietas augusti.</i>
<i>Oriens augusti.</i>	<i>Lætitia augusti.</i>
<i>Securitas augusti.</i>	<i>Origine augusti.</i>
<i>Salus augusti.</i>	<i>Virtuti aug.</i>
<i>Concordia augustorum.</i>	<i>Virtus augustorum.</i>
<i>Uberitas augusti.</i>	<i>Principium juventute.</i>
<i>Felicitas aug.</i>	<i>Restitutor orbis.</i>
<i>Liberalitas augusti.</i>	<i>Restitutor Exerciti.</i>
<i>Pacator orbis.</i>	<i>Restitutor orientis.</i>

Elles celebram, como se vê, a coragem, a piedade, a liberdade, a justiça dos imperadores. Recordam as suas victorias, jubilos, felicidade, regresso das guerras, triumphos, juventude, camaradas do exercito, até á sua origem, que remontam á loba de Romulus. Representam-nos como sendo os libertadores do exercito do Oriente, do Universo; indicando a união dos imperadores e o seu pacto nas medalhas de Diocleciano e de Maximiano.

As segundas fazem lembrar os factos militares ou civis, os acontecimentos importantes. Eis aqui os seus letreiros:

<i>Salus æterna.</i>	<i>Fides militum.</i>
<i>Fortuna Redux.</i>	<i>Concordia militum.</i>
<i>Pax æterna.</i>	<i>Pax exerciti.</i>
<i>Felicitas sæculorum.</i>	<i>Genius exerciti.</i>
<i>Salus publica.</i>	<i>Undique victores.</i>
<i>Securitas perpetua.</i>	<i>Virtus militum.</i>
<i>Temporum felicitas.</i>	<i>Victoria germanica.</i>
<i>Clementia temporum.</i>	<i>Æternitate imperii.</i>
<i>Sæculi felicitas.</i>	<i>Romæ æternæ.</i>
<i>Spes publica.</i>	<i>Fides exerciti.</i>
<i>Felicitas temporum.</i>	<i>Felicitas publica.</i>
<i>Lætitia fund.</i>	<i>Concordia exerciti.</i>

A clemencia e a fortuna dos tempos, o bem publico, a paz eterna, a felicidade do seculo, a fidelidade, a concordia e o valor dos soldados e do exercito—são medalhas dedicadas a Roma, a eterna, a perpetuidade do imperio, ou que celebram diversas victorias dos imperadores, e especialmente a grande lucta de Probus contra os germanos.

Para concluir, os ultimos reversos são religiosos:

<i>Jovi victori.</i>	<i>Herculi pacifero.</i>
<i>Jovi conservatori.</i>	<i>Herculi victori.</i>
<i>Jovi statori.</i>	<i>Herculi conservatori.</i>
<i>Jovi conservatori probi.</i>	<i>Providentia deorum.</i>
<i>Jovi tutori.</i>	<i>Herculi invicto.</i>
<i>Jovi augusto.</i>	<i>Soli invicto.</i>
<i>Jovi conservatori Augusti.</i>	<i>Dianæ conservat.</i>
<i>Jovi invicto.</i>	<i>Venus felix.</i>
<i>Mars victori.</i>	<i>Venus genitrix.</i>
<i>Marti pacifero.</i>	

E', pois, como se vê, dedicada a providencia dos deuses: Jupiter, pacificador, conservador, protector; Augusto, Marte vencedor, pacificador, Hercules invicto, protector; Diana conservadora; Venus feliz e fecunda. Estas legendas rodeam as imagens dos deuses Jupiter Nicéphore, assentado; em pé, Marte trajando como guerreiro; Hercules com a sua clava, em repouso ou derrubando o leão Néméo, o veado de Diana.

A maior parte d'estas medalhas foram cunhadas em Hespanha, algumas na Gallia; não obstante algumas teem, no campo de reverso, letras indicando que foram feitas em Roma. A sua perfeição, na falta de marca, indica a sua origem. Poderá talvez notar-se em algumas um retevo insufficiente, e n'outras incorrecção de desenho; porém, ha grande numero que são, na verdade, muito bellas e muito bem cunhadas, posto que pertençam a uma época do principio da decadencia. As dos primeiros imperadores, Guilherme, Claudio e Aureliano, são menos bellas que as outras.

A época que recordam estas medalhas foi de desordens. Havia uma prolongada lucta contra os barbaros que procuravam arrojarse sobre o Imperio,

desde o paiz dos Scythas até ás margens do Rheno, serie de guerras civis entre os diversos generaes que disputavam o poder.

Galliano, esquecendo o captivo de seu pae, e vivendo no luxo e deboche, consolava-se da perda de suas provincias com boas palavras: *dizendo que se podia viver sem a posse do Egypto e que o Estado podia subsistir sem compridos capotes e panos d'Arraz.* O Imperio foi então protegido pelos corajosos generaes que se proclamaram imperadores e que foram designados sob o nome de *tyrannos.*

Depois do suicidio de Quintillus, que foi proximo á sua nomeação pelo senado, Aureliano ficou só no poder. As medalhas d'este imperador, muito numerosas (254), recordam principalmente os acontecimentos no Oriente (Oriens Augusti). Cincoenta reversos indicam o pacto e a fidelidade de seus soldados que, não obstante, terminaram por assassinal-o.

Aureliano tinha pacificado o imperio a tal ponto que não se sentia a falta de um imperante. Todavia, depois de oito annos de interregno, Tacito, homem idoso mas virtuoso, foi nomeado. Fez reinar a ordem. As seiscentas e quinze medalhas com a sua effigie nos reversos nos comprovam essa pacificação geral. (Temporum felicitas. Pax æterna, Salus æterna, Felicitas Augusti, &). Tacito é quasi sempre representado com a toga consular, algumas raras medalhas sómente o mostram com o uniforme de guerreiro.

Floriano, irmão de Tacito, foi designado para o substituir; porém, Probus foi, no mesmo tempo, proclamado pelas suas tropas. Ao termo de tres mezes, Floriano suicidou-se ou foi morto pelos seus soldados. Dezoito d'estas medalhas recordam a sua passagem no imperio.

Probus, ficando soberano, foi reconhecido pelo Senado. A este general, distincto imperador e um grande guerreiro, faltou-lhe ter um historiador digno de si. As quatrocentas e sessenta oito medalhas d'esta colleccção com a sua effigie dão a conhecer não sómente as assignaladas acções que elle praticou, mas a popularidade de que gosava. Está representado nas medalhas de todas as maneiras, consul, imperador e guerreiro. Os reversos são extremamente variados e celebram a sua coragem, suas victorias e seus triumphos. Probus derrotou successivamente os Francos, dos quaes o nome tinha apparecido pela primeira vez na historia alguns annos antes, os Vandalos, Burgundios e Lizes. Destreçou completamente quatrocentos mil inimigos. Uma medalha (*Victoria Germanica*) lembra a destruição d'estes povos, os quaes se arremessavam em massas extraordinarias, sobre o imperio romano. Marcus Valerius Probus entrou triumphante em Roma

em 281, e seria provavelmente n'esta occasião que as medalhas com quadrigas (*Soli Invicto*) e as outras em que o imperador está representado a cavallo calcando aos pés os seus inimigos vencidos, fossem cunhadas.

A medalha cujo reverso representa a Loba de Romulus com esta legenda — *Origini Augusti* não seria lisonja dedicada a um imperador nascido em Pannonia d'uma origem inferior?

Carus, que substituiu Probus, começou brilhantemente; mas tendo levado a guerra á Persia, ali morreu fulminado. Seu filho Numeriano, que lhe succedeu, não tardou em ser assassinado pelo seu sogro Asser. Carinus, outro filho de Carus, que seu pae tinha enviado ás Gallias, foi igualmente destronado e morto por Diocleciano, não obstante o seu denodo.

Apesar da pouca duração do reinado d'estes tres principes, a quantidade das medalhas com a sua effigie é bastante consideravel; contando-se trinta e seis de Carus, cincoenta e seis de Numeriano, e sessenta e duas de Carinus. O numero de peças com a effigie de Numeriano é para se notar, visto a raridade d'estas medalhas.

Em um certo numero de medalhas de Carinus e de Numeriano, estes principes são designados como *Nobilis Cæsar*: isto comprova que, desde a sua exaltação, Carus tinha associado seus dois filhos ao imperio. Os cargos do governo principiavam a ser muito onerosos para uma só pessoa. Por isso Diocleciano, seu successor, repartiu o imperio com Maximiano, e até mesmo se associou a dois Cesares.

O numero de medalhas de Diocleciano é de cento e sessenta e nove. Ha duzentas trinta e duas com a effigie de Maximiano; tanto um como o outro apresentam typos de quatro cathogorias. Ha, como nas de Probus, Diocleciano e Maximiano, tendo manto imperial, com o sceptro ou o globo do mando na mão. Mas os reversos são menos variados. O maior numero d'estes reversos são religiosos. Ha muitas figuras de Jupiter, sob todas as fórmas, nos de Diocleciano. O imperador Maximiano tinha tomado o nome de Hercules, por isso esta effigie de Hercules

sobresae nos reversos de suas medalhas. Os deuses gregos, na occasião de desaparecerem, fazem um ultimo esforço para destruir a religião nova que os arruina por toda a parte e vae em breve triumphar. Os imperadores se divinizam a si proprios. Diocleciano é Jupiter (*Jove Augusto*), Maximiano é Hercules. Em cento oitenta e nove medalhas com a effigie de Diocleciano, apparecem mais de cento e trinta de Jupiter. Maximiano tem mais de trinta reversos com Hercules, e vinte com Jupiter. E' um indicio de effervescencia religiosa na gente pagã, caracterisada historicamente pela grande perseguição dos christãos no seu reinado.

Acharam-se muito poucas medalhas com a effigie das imperatrizes; sendo dez de Severina, mulher de Galliano, das quaes uma tendo no reverso *Venus felix*; tres de Magna Urbica, mulher de Carus, com o reverso de *Venus genitrix*, e finalmente uma só com a effigie de Salonina.

A investigação de medalhas antigas, o seu estudo e classificação não é uma occupação vã e inutil. O seu exame confirma e muitas vezes rectifica os factos historicos; faz-nos tambem conhecer a impressão dos acontecimentos sobre os contemporaneos. A grande variedade dos reversos das medalhas de Probus e as suas legendas não nos demonstram a grandeza d'este reinado? Todos estes reversos revelam a paz eterna, a ventura do seculo, a felicidade publica, a benignidade das estações, a seguridade perpetua, a tranquillidade publica, a concordia e a fidelidade dos soldados em tempos tão calamitosos, n'uma época de guerras no paiz e perpetuas, de revoltas das tropas assassinando, quasi sempre, os imperadores que haviam proclamado; seria tudo amarga ironia, se não vissemos n'isso uma grande aspiração dos povos para a paz e concordia no mundo.

E' igualmente a repetição dos reversos religiosos nas medalhas de Diocleciano e de Maximiano que nos certifica o derradeiro esforço dos deuses do paganismo contra o Deus dos christãos.

S.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 7, pag. 95)

Avançando pela nave dentro, encontravam-se os *ambons*, pulpitos destinados á leitura dos Santos Evangelhos para as prédicas, e á promulgação das leis ecclesiasticas.

Entrava-se emfim na terceira parte da basilica, a parte mais Santa e mais veneranda, aquella onde os seculares não podiam penetrar, e que se chamava o *Sanctuario*.

O altar occupava a parte central do Sanctuario, e tinha frente para uns poucos de lados.

Atraz do altar desenvolvia-se o *abside* de fórma

semi-circular e coberto ordinariamente com uma meia cupula.

A cadeira do Bispo era collocada ao fundo do *abside*, e para ella se subia por uns poucos de degraus. Aos lados da cadeira episcopal, se achavam, contiguos ao hemicyclo do abside, os assentos ou bancos destinados aos padres, que assistiam aos Officios Divinos.

A alteração mais notavel, que a disposição interior das basilicas soffreu com o andar do tempo, foi o accrescentamento do cruzeiro ou nave transversal, entre o abside e a nave propriamente dita.

*Orientação das basilicas e das egrejas christãs.* Chama-se *orientação* uma disposição particular, segundo a qual o eixo longitudinal d'um edificio, d'um tumulo, etc., se dirige do Occidente para Oriente.

Desde a primitiva que a igreja christã adoptou o costume de orar voltando o rosto para o Oriente.

O costume de orientar as egrejas foi dos primeiros seculos do Christianismo.

Ha dois modos inteiramente oppostos d'orientar as egrejas. N'um, usado antigamente, a fachada principal forma a parte Oriental do edificio e a capella-mór do lado do Poente. N'outro, que preponderou mais tarde, a posição de todas as partes da igreja é completamente trocada, a fachada está voltada para o Occidente, e a capella-mór para o Oriente.

O primeiro modo d'orientação não durou muito tempo. Nos seculos v e vi, a começar no v, se construíram muitas egrejas com a capella-mór voltada para o Oriente. No Occidente a mudança effectuou-se lentamente, pois só se completou durante o seculo xiii.

*Cryptas.* A maior parte das basilicas foram edificadas nos mesmos sitios onde tinham sido sepultados os restos mortaes d'um Martyr, ou de qualquer Santo illustre.

Nas primitivas basilicas, o altar era situado mesmo sobre a sepultura.

As galerias e capellas subterraneas, que mais tarde foram substituidas, tiveram o nome de *cryptas*, da palavra grega que significa, *eu escondo*.

Estas galerias abobadadas transformaram-se muito tarde em verdadeiras capellas, ou egrejas subterraneas, por debaixo de todo o *presbyterium*; bastante vastas para necessitarem o emprego de columnas que recebiam os arcos das abobadas, formando assim muitas naves.

*Baptisterios.* Distinguem-se tres especies de baptismo: o baptismo por *immersão*, o baptismo por *aspersão*, e o baptismo por *infusão* ou *affusão*.

O primeiro ministra-se mergulhando na agua todo o corpo; no segundo e terceiro, o ministro, de longe ou de perto, lança a agua sobre a cabeça do neophito. O baptismo por *immersão* foi usado até ao seculo xii; a começar d'esta época, principiou

a ser substituido, na igreja Latina, pelo baptismo por *infusão*, do qual até ali se não serviam, a não ser para os doentes em perigo de vida.

Primitivamente era reservada aos Bispos a administração do Solemne Baptismo. O Bispo mergulhava tres vezes o neophito, invocando de cada vez uma das Pessoas da Santissima Trindade.

Depois da abjuração de Constantino, quasi se generalizou por toda a christandade o baptismo ministrado nos edificios particulares situados ao lado das principaes egrejas, e especialmente das cathedraes.

Os baptisterios tinham em geral a forma circular ou octogona, mas alguns havia quadrados, e outros ainda em forma de cruz grega. As pias baptismaes eram muito grandes, porque muitas vezes se ministrava a adultos o baptismo por *immersão*.

*Templos pagãos e edificios profanos convertidos em egrejas christãs.* Os templos pagãos não se prestavam em geral para o culto christão, em consequencia das suas diminutas proporções.

Entretanto alguns foram convertidos, com ligeiras modificações, em egrejas christãs, e outros foram lhes incorporados.

A maior parte d'estas transformações datam do reinado do imperador Theodosio (383-385), e dos seus successores immediatos.

Tambem houve monumentos civis que foram transformados em egrejas christãs; taes como as *thermas* e os banhos, que entre os romanos excediam em magnificencia os proprios templos.

*Caracteres do Estylo Latino.* As basilicas christãs foram muitas d'ellas construidas, aproveitando para isso monumentos mais antigos. Mas em consequencia das basilicas serem muito mais vastas do que os templos pagãos, tornava-se por isso não raras vezes necessario desmanchar muitos d'esses monumentos para construir uma só basilica.

A architectura estava n'uma tal decadencia, que muitas vezes chegavam a reunir fragmentos de dimensões e estylos diferentes, e ajustavam-nos o melhor que podiam.

Se, por exemplo, se tratava de columnas provenientes de diversos monumentos, não pertenciam muitas vezes á mesma Ordem d'architectura; tendo portanto os fústes e os capiteis de alturas diferentes, enterravam os fustes, ou os collocavam sobre socos. O desvio e a distancia relativa das columnas variavam dentro de limites excessivos.

A unica innovação d'alguma importancia introduzida nas construcções, foi a substituição da *arcada* pela *architrave*.

Nas regiões onde escasseavam monumentos antigos, os edificios do periodo Latino eram em geral muito pequenos, baixos e pobremente decorados, muitos até de madeira.

Apezar do que acabámos de expôr, no seculo v e vi, construíram-se em Ravenna muitos monumentos importantes (dos quaes ainda alguns se conservam), sem que fôsse necessario recorrer á devastação que tiveram os anteriores; o que prova existir n'aquella epocha em Ravenna uma brilhante escola de habeis constructores.

*Materiaes de construcção.* As basilicas e os monumentos do periodo Latino eram construidos com pedras d'alvenaria regulares, quasi sempre quadradas, de mediano preparo, e tambem com tijolos chatos, ficando separados por uma espessa camada de cimento. Muitas vezes tambem os muros eram formados por cordões de uma, duas ou muitas faxas de pedras d'alvenaria alternadas com outras compostas de uma ou duas fiadas de tijolos.

*Decoração dos monumentos.* O periodo Latino não foi epocha de esplendor para a architectura ornamental.

O ábaco dos capiteis recebeu, durante o periodo Latino, dimensões e um esvasamento taes que muitas vezes parecia ser um capitel sobreposto sobre outro. A frente do ábaco era adornada, do lado da nave principal, com um symbolo, que algumas vezes era o monogramma do fundador, e em geral havia uma Cruz d'ordem Trina isolada, ou inscripta n'um circulo. Chama-se Cruz d'Ordem Trina, aquella cujos braços são mais largos nas extremidades do que no ponto d'intercepção dos ramos. Esta cruz quer só, ou entre dois cordeiros, ou entre dois passaros, com a frente um para o outro, foi um dos symbolos christãos mais usados durante o periodo Latino.

Desde o seculo vii que começaram a haver vidraças com vidros brancos esverdeados, e até mesmo com vidros de diferentes côres. Não appareciam ainda figuras, nem ornatos alguns pintados sobre os vidros. As vidraças pintadas eram formadas por um grande numero de vidros de côr, cortados de diferentes modos e que se reuniam de certa maneira, a fim do conjuncto representar figuras de formas regulares.

*Madeiramentos do telhado.* Desde o reinado de Constantino os grandes edificios apenas se cobriam com madeira.

A maior parte d'esta construcção ficava visivel no interior dos edificios. Em alguns as naves tinham tectos de madeira com pinturas diversas, representando caixotões ricamente adornados e dourados.

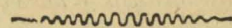
*Torres.* Raras eram as basilicas que desde a sua fundação tinham possuido torres. Os campanarios que hoje se vêem proximo das antigas egrejas de Roma, são quasi todos posteriores ao seculo viii. As torres do periodo Latino são quasi todas de fôrma circular ou octogonal.

*Pinturas em mosaico.* Nas grandes basilicas as abobadas esphericas da abside, o arco triumphal e algumas vezes tambem, as paredes comprehendidas entre as janellas altas da nave e das arcadas que ligam as columnas, eram cobertas com vistosos mosaicos.

As materias mais ordinariamente empregadas n'este genero de trabalho, eram as diferentes qualidades de pedra, os marmores e pedaços de vidro.

(Continúa)

POSSIDONIO DA SILVA.



#### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 81

Compõe-se esta estampa de tres antigos objectos romanos, um de applicação desconhecida e os dois de singulares feitios, os quaes foram descobertos n'uma vinha em Castelsardo, ilha de Sardenha, nas escavações a que constantemente o illustrado governo da Italia manda proceder no seu paiz. No sitio proximo do cabo Norte se descobriram algumas amphoras. Dentro d'essas amphoras acham-se esqueletos humanos, o que faz suppôr que pertencessem á Necropole de *Tibula*. Espera-se que forneçam alguns dados afim de se determinar a situação d'aquella remota cidade. Seria assás importante descobrir-se o seu principal cabo e verificar-se a distancia indicada no itinerario de Antonino.

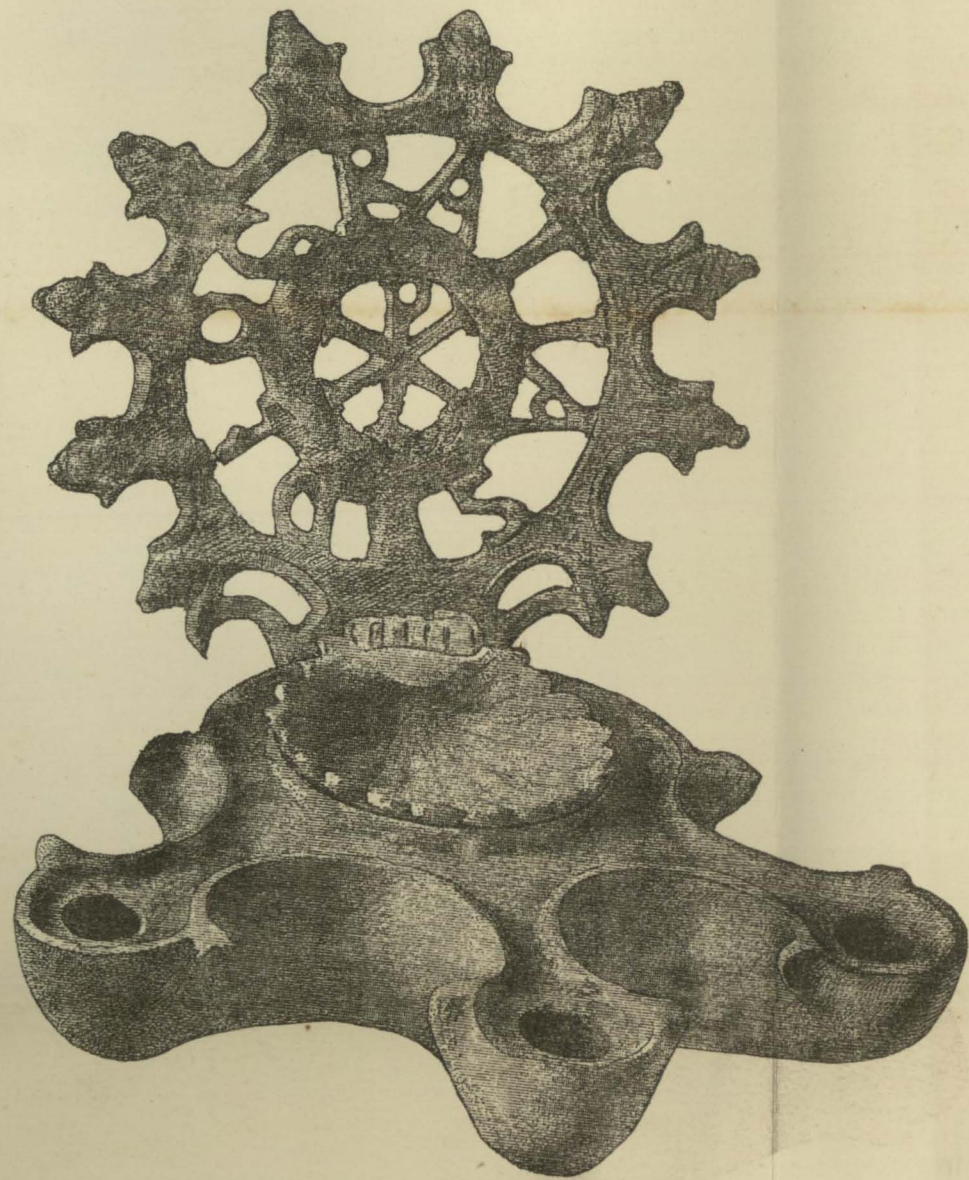
Na profundidade de 0<sup>m</sup>,60 e n'um espaço pertencente á antiga necropole, foi descoberta uma série de amphoras de *terra cotta* das maiores, dispostas parallelamente juntas umas das outras e em fileiras, na direcção do nascente ao poente, cada uma das quaes continha um esqueleto humano em perfeito estado de conservação.

Tendo-se aberto tres escavações em direcção perpendicular áquellas sepulturas, quasi em cada uma d'ellas se acharam duas peças annulares de amphoras uma dentro da outra, com as quaes haviam formado uma especie de estojo para metter o cadaver (desenho A), servindo-se para esse fim de duas amphoras com dimensões diferentes, partindo-as em duas partes desiguaes para que a mais curta e estreita podesse conter os pés do cadaver, e a outra mais larga e comprida recebesse a parte superior do defuncto, entrando na outra a parte inferior, e por este singular modo não poderiam os despojos mortaes soffrer profanação e resistindo melhor á má qualidade de terreno. Nenhum outro objecto notavel appareceu n'estas sepulturas, mas sabe-se, pelas informações dos cultivadores, que muitas vezes ao lavrar a terra se encontram moedas de pequeno modelo pertencentes ao baixo imperio. O numero de sepulturas descobertas por esta fôrma foram seis.

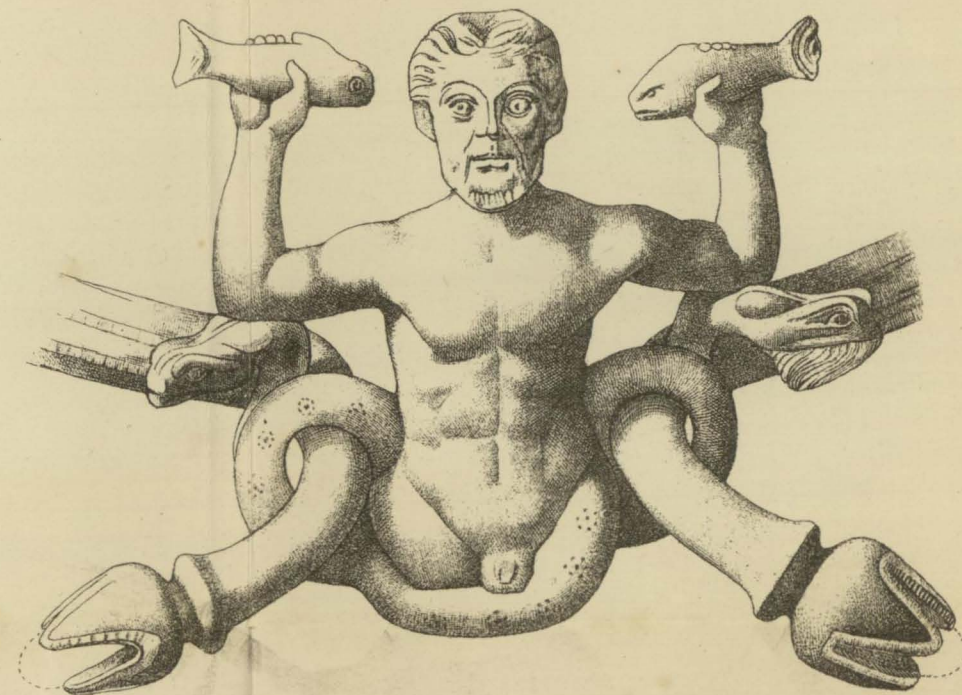
A.



B.



C.



Antiguidades romanas descubertas na Italia.

Estampa 81.

1887.

Não ha noticia de que em outro lugar d'esta ilha estivesse adoptado o uso systematico de se sepultar por esta fórma, posto que em outros pontos, em Cagliari e Décimo, se encontraram, mas sempre para sepultar creanças, ficando isoladas. Esta particularidade local provavelmente seria usada pela natureza do terreno saibroso. Pode-se dizer, contudo, que proximo do extremo limite septemtrional da Sardenha, não sómente as amphoras serviam para conservar o vinho, mas tambem para conter os mortos!

O desenho B representa uma bellissima lampada christã de bronze com tres bicos de apreciavel tamanho, de estylo elegante e perfeita fundição. Tem um metro de diametro. No mesmo sitio, se achou tambem um disco igualmente em um buraco, tendo o monogramma de Christo, n'uma inscripção entre dois circulos concentricos, na qual se lê: DEO GRATIAS. Esta peça fazia parte da lampada, á qual se reuniu depois.


Lampadas semelhantes se teem achado nas catacumbas christãs. Este achado porém vem confirmar o que se tinha supposto, que eram christãs as sepulturas encontradas nas escavações do templo de Hercules em *Selinunte* no concelho di Castelvetrano (Italia), onde se viam esculpidas na architrave d'esse arruinado edificio tres cruces, duas de fórma grega e uma latina.

Em 1859 um notavel monumento christão foi descoberto a um kilometro das ruinas d'este templo: uma grande campa sepulchral tendo uma inscripção attribuida proximo do seculo v, tanto pela paleographia como pela simplicidade da sua fórma:



AVSANIVS  
DIACONVS  
IN PACE VIX  
ANNIS LXV  
DEPOSITVS  
VII. IDVS IAN

Este factio isolado demonstrava a existencia de uma sepultura christã. Acharam-se cruces de fórma grega esculpidas em algumas outras peças de cantaria pertencentes ao templo maior de *Serradifalco*, ao qual se deu o nome de templo de Hercules e

tambem mostravam o classico monogramma   
Ahi se encontrou entre a decima columna do referido templo a lampada de bronze com magnifica patina.

Deve-se notar que esta lampada é formada de duas peças, da lampada propriamente e do disco rendilhado, que se conheceu pertencer a esta lampada pelo signal de soldadura que existia n'essas duas peças; portanto estava-se de posse de uma lampada completa de tres bicos, sendo de grande importancia a todos os respeitos. Pesa tres kilogrammas e 165 grammas; a separação dos dois bicos é de 22 centimetros. O disco tem de diametro 18 centimetros.

A falta de argola indica que a lampada não podia ser suspensa, mas posta sobre uma lamina que ficava soldada no fundo e uma elegante concha tapava o orificio por onde se deitava o azeite. O disco tem no centro o novo monogramma de Christo com a fórma constantiniana, encerrado em uma grinalda que circumda a dita inscripção *Deo gratias*, a qual externamente apresenta uma serra de raios terminando em fórma de pinha. De traz tem uma argola para se pegar. A raridade e belleza d'esta obra de bronze se ajunta o apreço epigraphico. Parece que nos faz ouvir ainda o echo dos combates que enlutaram a Africa pelo scisma dos *Donatistas* e invocar essa saudação antiga e constante dos catholicos.

O desenho C representado n'esta estampa é sobre maneira curioso pela sua composiçáo como pela materia de que é feito, assim como pelo seu estylo archaico. Foi descoberta esta antigualha em *S. Genesio* a 15 kilometros de *Tolentino* (Italia), em uma rica sepultura com 3 metros de largura por todos os lados e a 4 metros de profundidade. No meio da cova estava um esqueleto humano tendo do lado da cabeça e dos pés grupos de vasos, diferentes armas e outros objectos, como sempre se encontram nas sepulturas da acropole de *Tolentino*. O craneo do esqueleto tinha em roda um circulo de fio de prata, os vasos eram todos de bronze; á esquerda do craneo foi descoberta a talha que mostra o desenho C e sobre a direita do mesmo craneo havia uma taça.

Proximo dos pés do esqueleto do lado direito, estava um elmo, e ao lado um outro grupo de vasos de bronze. Estes exemplares constituiriam um verdadeiro thesouro archeologico.

A talha, de fórma muito elegante, é certamente uma das mais bellas que n'este genero se tem achado, estando ornada na parte superior de uma faixa, que representa combate de animaes. A base e a bocca estão ricamente decoradas.

A parte que merece maior interesse é a cobertura que representa a estampa, composta com muita habilidade de uma estatua nua, de estylo archaico: os pés estão postos sobre uma palmeta e descança a cabeça sobre as caudas de dois leões estendidas por cima do orificio do vaso.

A cauda é formada por duas hastes semicirculares, de bronze fundido, e composta de quatro renques de canudos, tendo na extremidade uma especie de gancho guarnecido com um botão de flor, o qual é feito de massa vitrea rosada.

As hastes estão entrelaçadas com muita arte e phantasia em duas estatuetas representando tritões barbados, que teem os braços erguidos segurando um peixe em cada mão. As pernas d'estes tritões terminam em serpentes, entrelaçadas de modo a formar dois arcos para servir de azas e metter os braços, por causa do peso.

Tão precioso achado constitue uma das melhores obras antigas produzidas pela metallurgia grega.

J. DA SILVA.

#### BIBLIOGRAPHIA ARTISTICA

Offerecemos á leitura dos nossos consocios a copia de um original, que, por ser o unico manuscrito que redigiu para a imprensa o Senhor D. Fernando, se faz recommendado aos amadores d'estes raros escriptos, tanto mais que não quiz se soubesse quem apreciava as obras do artista, do qual descrevia as gravuras cujos exemplares são rarissimos em alguns museus. Em Portugal não havia collecção completa, nem tão pouco nenhuma estampa relativa ao casamento da rainha D. Catharina; sómente depois de incessantes diligencias, ponde el-rei obtel-as n'um leilão que se fez na Alleanha.

É tambem bastante curiosa esta leitura pela qual se conhece que, não obstante o empenho que o principe tinha de possuir essa collecção como cousa de grande merito artistico, tal empenho tinha igualmente por fim obter para Portugal essas gravuras representativas de um facto historico da nação, para mais uma vez nos convencer, qual era o amor que consagrava ao nosso paiz, como se fosse natural d'elle!

Posto que quizesse conservar sempre o incognito d'esse seu trabalho litterario, todavia, pela composição da phrase, se conhece que é de um principe de origem estrangeira, ainda que na linguagem se sirva de palavras escolhidas e dictadas com sensatez e criterio. Por tanto vem enriquecer esta publicação um documento de subido apreço para o paiz e que augmenta, se mais é possível, a nossa admiração pela memoria do seu Augusto Auctor.

DA REDACÇÃO.

#### O PINTOR E GRAVADOR A AGUA FORTE DIRK (RODRIGO) STOOP

Não é impossivel que aquelles que na nossa patria amam ou cultivam as artes, ignorem que um

artista hollandez do seculo 17, mais conhecido pelas suas aguas fortes do que pelo seu pincel, vivesse alguns annos n'esta nossa cidade de Lisboa. Julgamos ser agradaveis áquelles que prezam notícias curiosas e interessantes á arte em Portugal, offerecendo-lhes aqui alguns succintos apontamentos sobre o artista acima mencionado, o qual no seu tempo gosava de uma honrosa reputação.

Suppõe-se que Dirk Stoop nasceu em Dartrecht. Stoop vindo a Portugal foi nomeado pintor da infanta D. Catharina e em 1662 acompanhou esta senhora a Inglaterra, quando ella contrahiu matrimonio com o rei Carlos II.

Em 1678 voltou Stoop á sua patria aonde falleceu em 1686, contando muitos annos d'idade.

Os quadros de Stoop acham-se em varias colleções da Europa e sem merecimento transcendente ha n'elles muita vida e vigor de colorido.

Stoop não tratava senão assumptos ou de guerra ou de caça e esmerava-se sobretudo em representar cavallos, dando-lhes bastante expressão e movimento; bem que o seu typo seja longe de bello ideal d'este nobre animal, e o desenho nem sempre irreprehensivel.

Porém não se faça crime a Stoop do que elle tinha de commum com todos os artistas do seu tempo e do seu paiz, que pela maior parte se tinham creado um typo de cavallo meio de *convenção* meio frisão. Em Portugal encontram-se pinturas de Stoop, possuindo El-Rei D. Fernando dous quadros d'este artista, ambos representando combates entre turcos e ignoramos que outra nação, pois que o incerto dos trajés só conjecturas permite. Um d'estes quadros é assignado e mostra por extenso o nome do artista — D. Stoop fec. 1652. Ignoramos infelizmente quanto tempo este viveu em Portugal; sendo porém provavel que este quadro fosse pintado em Lisboa, póde suppôr-se que não foram poucos os annos que Stoop aqui se demorou. Bartsch attribue a Stoop 19 aguas fortes, porém outros auctores mais algumas. Aquellas, indicadas por Bartsch, são n.º 1 até 12 *varios cavallos* e de n.º 13 até 19 a viagem da Infanta D. Catharina de Portugal a Londres para o casamento com Carlos II, da Gran-Bretanha. Collecção de 7 estampas. As estampas de Stoop são estimadissimas pelos amadores de estampas antigas e é bem singular que nós, que estes apontamentos escrevemos, não achassemos até agora, depois de pesquisas e indagações de muitos annos em Portugal senão uma unica estampa de Stoop. Esta estampa pertence á rarissima série *da viagem* da infanta D. Catharina e faz parte da muito interessante e curiosissima collecção de estampas antigas (retratos e factos historicos) do ex.<sup>mo</sup> sr. marquez de Rezende. Não fôí tão pouco em Portugal que o sr. marquez encontrou esta estampa; foi-lhe dada

na Allemanha. Sabemos que todos os cuidados, e desejos do marquez para completar aqui a interessante serie da *viagem da infanta* tem sido sem resultado. E' tão rara esta série que em poucas colleções se encontram mais do que 2 ou 3 numeros, como o affirmam os mais acreditados auctores nas suas obras ácerca dos *pintores gravadores*. A série das estampas relativas á viagem da Infanta D. Catharina é de valor e interesse para a nossa historia tendo, além do merecimento do assumpto, a particularidade não menos curiosa de nos mostrar o aspecto de varios pontos de Lisboa n'aquelle tempo. Não será por isso fóra de proposito descrever aqui estas 7 estampas as quaes por em quanto não nos consta que alguém possua completas n'esta cidade. Sabemos que el-rei D. Fernando não menos assiduo do que o sr. marquez de Rezende em procurar as mencionadas 7 estampas, teve por fim o prazer de as adquirir (completas) na occasião da venda de uma das melhores colleções d'estampas da Allemanha. Eis aqui a descripção das 7 estampas sem alterarmos o pessimo e singular texto portuguez com que *seu auctor quiz illustral-as*.

N.º 1 (13) Solemne entrada em Lisboa do embaixador inglez lord Montagne no dia 28 de março de 1662.

No alto lê-se: *O magnifique entrada, etc., etc., The entrance of the lord ambassador etc., Theodorus Stoop suæ Maest. Reginae Angliæ pictor. Com dedicação a Eduardo conde de Sandwich.*

N.º 2 (14) Solemne partida de Lisboa da Rainha em 20 d'abril de 1662. Com dedicação a Carlos II d'Inglaterra. Theod. Stoop.

N.º 3 (15) Embarque da Rainha em Lisboa. The manner how her Ma.<sup>ty</sup> Dona Catharina *imbarketh* from Lisbon for England. Com dedicação a Francisco de Mello, conde da Ponte. *Roderigo Stoop.*

N.º 4 (16) Jacob duque de York encontra com a sua esquadra aquella da Rainha. The Duke of York's meeting with *ye Rosail* Navy after it came into the channel. Dedicação ao duque João de York R.º Stoop.

N.º 5 (17) Desembarque da Rainha em Portsmouth The manner of the Queenes Ma.<sup>ties</sup> landing at Portsmouth. Dedicado ao Duque João de Ormond. *Roderigo Stoop.*

N.º 6 (18) Entrada da Rainha em Portsmouth e a sua recepção no Tamisa pelo Lord Mayor e os deputados pela cidade em 23 d'agosto de 1662. The triumphal entertainment of *ye King and queenes* Ma.<sup>ties</sup> etc. Dedicada ao Lord Mayor. Rod. Stoop.

N.º 7 (19) A chegada de Carlos II e da Rainha a Hamptoncourt. The coming of *ye Kings* etc. A margem para a dedicação ficou em branco. Rº Stoop.

Ha de Stoop mais 8 estampas que dizem respeito a Portugal. São 8 vistas de Lisboa. Estas 8 estam-

pas igualmente raras se acham completas como as 7 mencionadas; nunca as vimos, portanto não as podemos descrever.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Na sessão de assembléa geral do mez de maio, da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, o seu digno presidente o sr. Possidonio da Silva apresentou a seguinte proposta:

«Estando em uso nas nações mais cultas, fazer collocar nas casas onde nasceram, habitaram ou falleceram distinctos litteratos, homens de sciencia e artistas, um padrão commemorando o seu nome e a merecida fama do seu saber e obras; venho propôr a esta Real Associação para alcançar da ex.<sup>ma</sup> camara municipal de Lisboa (com a precisa auctorisação) mande collocar uma lapide com esculptura na parede, do lado nascente, no andar nobre do edificio do antigo convento das Necessidades, junto ao cunhal do lado do sul, entre as duas janellas do gabinete (*atelier*) de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, como publico testemunho de veneração pela memoria do rei artista alli fallecido, pelas suas produções em diversos ramos de bellas-artes, e principalmente por se ter dedicado com todo o esmero á pintura em ceramica, desenvolvendo em Portugal no seculo xix o gosto por esse genero de pintura.

Não será monumento erigido a um soberano, mas sim uma homenagem ao talento do rei artista portuguez.»

Esta proposta foi tomada na devida consideração pela assembléa e votada plenamente. Em seguida foi eleita uma commissão para ir ao Paço da Ajuda pedir a El-Rei o Senhor D. Luiz a precisa auctorisação para ser collocada essa lapide no edificio real das Necessidades.

Sua Magestade mandou pelo conselheiro Nazareth, administrador da Casa Real, officiar á Associação que permittia a collocação pedida, como consta da seguinte copia do referido officio:

*Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Ao ter a honra de accusar a recepção do officio com data de 14 do corrente, que v. ex.<sup>a</sup>, na qualidade de mui digno presidente d'essa Real Associação, me dirigiu sobre a permissão de Sua Magestade El-Rei, que a referida Associação carece, para na parede do lado do nascente, no andar nobre do edificio do antigo convento das Necessidades, entre as janellas do gabinete (atelier de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando) mandar collocar um padrão commemorativo de seu fallecimento no mencionado edificio, como rei artista; offerece-se-me em resposta participar a v. ex.<sup>a</sup> que o mesmo Augusto Senhor, da melhor vontade accedeu aos desejos manifestados, e muito agradece esta homenagem de veneração prestada á memoria de seu augusto pae. — Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> — Administração da fazenda da casa real, em 22 de junho de 1887. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — A. J. Duarte Nazareth.*

A Associação, officinando ao nobre presidente do municipio de Lisboa, remettedo-lhe copia do officio da casa real, e solicitando da camara a realisação

d'este testemunho publico, enviou-lhe o officio do seguinte theor :

*Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Havendo sido approvedo pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes que se apresentasse á respeitavel camara municipal de Lisboa a proposta para se mandar collocar entre as janellas do lado do sul do andar nobre do edificio do antigo convento das Necessidades (atelier de S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando) um padrão commemorativo de seu fallecimento alli como rei artista pelas suas produções em desenho, gravura, aguarella e principalmente pintura em ceramica ; e tendo já esta Real Associação alcançado de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz a permissão necessaria para n'aquelle palacio real se poder assentar essa lapide, como consta pela copia do officio da administração da casa real, que vae incluso : vem pois esta Real Associação, confiando muito nos sentimentos illustrados da benemerita corporação da qual v. ex.<sup>a</sup> é distincto presidente, solicitar a realisação d'este pensamento, a exemplo do que já se tem praticado em Lisboa com outras pessoas notaveis ; prestando por esta forma a ex.<sup>ma</sup> camara municipal de Lisboa uma homenagem de consideração ao principe illustrado, que com tanto disvelo se dedicou ao culto das bellas-artes em Portugal. — Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, aos 6 de julho de 1887. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Fernando Pereira Palha Osorio Cabral, dignissimo presidente da camara municipal de Lisboa. — O presidente, Joaquim Possidonio Narciso da Silva.*

A illustrada camara municipal annuiu com patriótica satisfação a prestar mais este acto de reconhecimento ao talento do rei artista e de veneração pela sua memoria, manifestando esses nobres sentimentos no seu officio.

## NOTICIARIO

Nas investigações a que se procede nas arenas de Lutecia, em Paris, encontrou-se um esqueleto humano, quasi ao meio do circulo. Sepulturas semelhantes já se haviam descoberto em 1870. Os archeologos supõem pertencerem aos gladiadores ; todavia este recente descobrimento offerecerá grande interesse aos anthropologistas sobre a origem d'este esqueleto, o qual tem 1 metro e 75 centímetros de proporção, e estava enterrado a 1 metro e 45 centímetros de profundidade.

Outra grandiosa empreza está agora proposta ; é a construcção d'um canal Indo-Europeu, a fim de diminuir a distancia entre a India e a Europa ; será pelo valle do Tigre e do Euphrates e atravez da Turquia e Asia e terá 275 kilometros de extensão, devendo importar a sua construcção em 1:500 milhões de francos !

A America do Norte acaba de auctorisar o emprego de 300:000 francos para perfurar a crosta terrestre, afim de se conhecer a composição da terra, e particularidades relativas á sua formação.

O governo civil de Gerona (Hespanha) participou á Associação Catalanista de Barcelona, que tomaria providencias para evitar a perda de objectos de valor

historico e artistico que passam a enriquecer museus e colleções estrangeiras ; já tem destinada verba para os adquirir e obstar a tão condemnavel procedimento ; determinando tambem, que os objectos de merecimento que existirem n'aquella provincia irão augmentar os museus publicos ; satisfazendo por esta forma a representação que a este respeito lhe tinha sido dirigida pela referida Associação. Que util exemplo para o nosso paiz !

O distincto archeologo Mr. Carlos Normand representou para se salvar da destruição completa os vestigios da cidade romana de Pictoire, que fôra descoberta no anno de 1885 em Sanxay, nas quaes o governo já dispendeu 60 mil francos.

Para o nosso paiz essa incuria não causará surpresa ; lá temos nós vestigios d'essa mesma época, em cujas escavações o governo gastou algumas dezenas de libras, e estão expostas a perderem-se pelo esquecimento de se conservar esses unicos vestigios, que, por emquanto, só se descobriram em Portugal.

Está aberto um concurso, entre architectos nacionaes e estrangeiros, para apresentarem o projecto do augmento do grande parque nos terrenos do lado norte d'Avenida, além da nova praça do Marquez de Pombal, que ficará situada ao meio da referida Avenida : o praso é até 2 de novembro do presente anno.

Em Paris vae-se construir uma capella anglicana, erigida em commemoração do jubileu da rainha de Inglaterra, e terá o nome de *Victoria Chapel*. Na presença dos embaixadores inglez e dos Estados-Unidos se collocou a primeira pedra para sua fundação, e o governo inglez teve a extrema delicadeza de escolher um architecto francez para a sua construcção, que terá logar na capital da França.

Na antiga Sidão, cidade e porto da Syria, a 32 kilometros de Beyrouth, descobriram-se em um poço de 13 metros de profundidade 7 tumulos e 17 sarcophagos de uma belleza notavel, cobertos de pinturas.

A 5 metros 50 centímetros da superficie do solo, ali proximo, encontrou-se uma parede de um tumulo tapado por seis grandissimas lousas. Em cima da primeira pedra havia duas outras. A ultima cobria uma cavidade aberta na rocha, onde estava um sarcophago real, um formidavel monolitho anthropoidea de marmore preto.

O caixão foi tirado com bastante difficuldade, mas sem degradação. Continha o corpo de *Tabnit*, rei phenicio, que estava bem conservado, estando posto sobre uma prancha concava de madeira de sycomoro, guarnecida lateralmente por argolas de prata. Essas argolas tinham correias atravez para conservar o cadaver fixo sobre o seu leito funereo.

Suppõe-se que este sarcophago é proveniente do Egypto. Na origem teria recebido a mumia de um general em serviço da xxix dynastia ; depois d'uma profanação, teria sido vendido e transportado para a Phenicia.